

O Canadá de Vancouver



Provavelmente por decorrência de ser pesquisadora, sempre que chego a um país em que estou pela primeira vez, começo procurando as semelhanças e as diferenças em relação aos outros onde já estive, como um exercício de reconhecer o que é particular a esse novo ambiente. Depois de um tempinho, com grande esforço consigo, de algum modo, ainda que nunca completamente, entrar um pouco no “espírito” daquele lugar num esforço de compreendê-lo mais pelo que ele é, em si, e menos pelo que tem de igual ou diferente dos outros.

Como entro no Canadá por Vancouver, esta é minha primeira aproximação com a paisagem, a sociedade e, portanto, com a cultura deste país. Imediatamente, ele me parece uma mescla entre o mundo estadunidense e o mundo europeu. Acho mesmo que os canadenses conseguiram tomar um pouco do que há de melhor em cada um destes dois mundos. Eles me parecem práticos, objetivos, empreendedores e descolados como os norte-americanos que estão ao sul deles. Por outro lado, mesmo sendo um povo com modo de ser e estar esportivo, o que os assemelha aos seus vizinhos, são elegantes, no geral, mais finos no trato e parecem mais cultos mostrando que a herança europeia parece ter se prolongado e deixado suas manifestações por mais tempo ou com maior intensidade.

Muitas das representações que elaborei sobre o Canadá, antes de aqui chegar, são agora confirmadas. Quem não se lembra quando o noticiário internacional divulgou, há algumas décadas atrás, que o Primeiro Ministro Canadense (Pierre Trudeau) compareceu a uma reunião de cúpula internacional com um terno claro e esportivo (destes que, depois, Calvin Klein disseminou pelo mundo), calçando confortáveis tênis de camurça? Pois é, usar terno com tênis parece-me uma boa imagem para expressar essa mescla entre valores europeus e modos de ser estadunidenses.

O Aeroporto de Vancouver também denota o que é este país e a região onde ele se encontra: a Colúmbia Britânica. Parece com todos os aeroportos do mundo. Já escrevi em outro diário de viagem que, a estes espaços, cabe muito bem a aplicação do conceito de “não-lugar”, proposto por Marc Augé, pois são territórios internacionalizados, marcados por sua linguagem em códigos e seus espaços normatizados e funcionalizados, havendo pouco de peculiar ou que represente os tempos e as experiências vividos por uma sociedade.

No entanto, procurando aqui e ali, somos capazes de ver algo mais específico e distinguir, nem que seja um tiquinho, um aeroporto de outro. No caso deste, há dois totens que recebem as dezenas de passageiros que desembarcam na ala internacional e, com pressa, dirigem-se para a aduana. As duas enormes esculturas em madeira, localizadas na saída das escadas rolantes, que nos possibilitam deixar o enorme corredor, onde se acoplam os tubos que se articulam aos aviões, são um convite a uma rápida parada, um registro fotográfico, um sentimento de “puxa vida, cheguei a um lugar!”. Nos dias seguintes, foi possível ver que, por todo lado, há totens e máscaras que remetem aos grupos humanos que ocuparam esta porção noroeste do continente americano.



Apesar da mescla a que acabo de me referir, Vancouver é, no entanto, uma típica cidade da América do Norte, pouco havendo de europeu na sua paisagem urbana, pelo menos até onde pude notar. No centro principal, destaca-se a densidade de edifícios modernos compondo o que os anglo-saxões definem como CBD – Central Business District. Esta área de intenso uso contrapõe-se a um tecido urbano, no conjunto, pouco verticalizado pois, em torno do centro e de sua área de expansão, o que predomina são bairros residenciais com moradias unifamiliares. Embora seja uma cidade que se origina de assentamento humano do final do século XVIII, Vancouver parece ser muito jovem, pois as edificações deste centro são muito modernas, predominando a arquitetura do aço e do vidro.

Por mais de 10 mil anos, diferentes nações indígenas ocuparam este território, com destaque para os haidas, que tinham um modo de organização e domínio técnico avançados. Pelo que se tem informação, o primeiro europeu a colocar os pés nesta terra foi o Capitão Cook, em 1778. Em sua tripulação vinha George Vancouver que, dois anos depois, já era capitão de dois navios e comercializava com os índios Squamish. Foi ele quem ‘descobriu’ a maravilhosa baía formada pelo promontório onde hoje se assenta o centro da cidade. Essa descoberta era parte de seu trabalho, pois as duas embarcações que chefiava estavam a serviço da Coroa Britânica, com o objetivo de mapear a costa oeste do norte do continente americano. O seu nome foi atribuído à cidade, em 1886, por batismo do presidente da Canadian Pacific Railway, embora antes o próprio Vancouver houvesse

nomeado aquele lugarejo por Burrard, nome de um dos tripulantes de sua embarcação. Hoje esta é a denominação de uma das ruas do centro da cidade, cujo plano ortogonal entrecorta a pequena península que tem, em sua extremidade oeste, o Stanley Park.



Ao norte, a baía descoberta por Georges Vancouver e, no centro da imagem cartográfica, o promontório onde se está o atual centro principal da cidade.

Na porção norte deste promontório, em que está o centro de Vancouver, ficam os cais onde atracam os grandes navios transatlânticos, justamente onde está o Terminal do Seabus e a Waterfront Station, de onde sai o transporte urbano coletivo que liga esta parte da cidade a North Vancouver. Destaca-se, nesta faixa da cidade, o Canada Place, que foi inaugurado em 1886 para ser o Pavilhão Canadense na Expo 86. Trata-se de uma construção moderna em que se desenvolvem, hoje, várias atividades de interesse público para os moradores da cidade e para os turistas. Nesta mesma parcela litorânea, mais a leste e pouco visível na imagem anterior, está Gastown, que é um distrito renovado da cidade, onde atualmente estão café, bares, armazéns convertidos em galerias e várias lojas onde se vende tudo que é tipo de bugiganga, que somente um turista é capaz de se encantar por ela.

Ao sul do promontório está Yaletown, em que antigas edificações, onde provavelmente estavam indústrias e depósitos no passado, hoje são ocupadas por lojas de design, restaurantes, cafés, boutiques etc.

Tendo em vista o sítio urbano tão peculiar, onde se originou a cidade, as pontes têm uma importância grande para a organização do espaço urbano pois, por intermédio delas se alcança North Vancouver e West Vancouver, bem como a porção sul da cidade, em cuja extremidade ocidental está a University of British Columbia. Na direção noroeste, a mais importante é a Lions Gate Bridge, que se parece muito com a Golden Gate de São Francisco. Na direção sudoeste, destacam-se as Burrard Bridge e Granville Bridge, que está sobre a pequena ilha que, contraditoriamente, chama-se Granville Island, que acabei não conhecendo, mas que é considerada “o coração e a alma” da cidade.



Nesta imagem, vê-se o conjunto do atual espaço urbano de Vancouver. O promontório onde está o centro ocupa uma área relativamente pequena a noroeste. Vê-se no extremo oeste norte da imagem, a península onde está a University of British Columbia, cercada por um grande bosque. Do ponto de vista político, há outras municipalidades que compõem este aglomerado urbano, como Richmond, onde está o Aeroporto.

O Stanley Park é mesmo o ponto alto da cidade, com seus 350 ha, que está entre os maiores parques urbanos do mundo. Tem pequenas praias, um lago, jardins, florestas naturais, trilhas para caminhadas, vias especiais para ciclistas etc. Estive neste parque numa segunda-feira ensolarada, em que havia dezenas de pessoas com suas bicicletas e seus equipamentos adicionais: todos usam o capacete apropriado, joelheiras e cotoveleiras, mochilas leves nas costas – gente dos três aos noventa anos de idade. O sítio e a situação

geográficos do parque conferem e ele uma condição espacial muito boa, como uma espécie de elo entre o mundo natural e o mundo social, encrustado naquele vértice da pequena península.

Na vida urbana de Vancouver, as bicicletas só perdem em importância para os pedestres, que têm prioridade sobre tudo e todos. O trânsito é lento para os carros, não porque eles sejam tão numerosos circulando pelas ruas, como o são no Brasil, mas porque não importa em que situação e em que horário, têm que dar passagem aos ônibus, às bicicletas e aos pedestres. Nisto, Vancouver é muito diferente das cidades estadunidenses, porque não se sente aqui o *stress* causado pela rapidez com que tudo é feito no país ao lado. Vancouver é tranquila, embora seja uma metrópole de dois milhões e cem mil habitantes.

Desde que cheguei, tive a mesma sensação vivida em São Francisco há mais de 10 anos atrás. A presença de imigrantes asiáticos é muito significativa, chegando a ser imperiosa para o olhar de uma estrangeira. Aqui, pelas estimativas feitas por uns e outros, metade da população tem sua origem ou é descendente de migrantes que vieram do continente que está do outro lado do Pacífico.

Garimpeiros chineses chegaram a esta região em 1858, antes mesmo dos trabalhadores ferroviários em 1870. Eles mesmos ajudaram a construir a ferrovia. Um pouco antes de 1997, quando Hong Kong foi entregue pela Coroa Britânica à China, grande intensificação da imigração ocorreu. Assim, desde que os europeus exploravam a costa oeste do Canadá para obter peles de lontras que eram vendidas no país da Grande Muralha, até hoje, em que as migrações internacionais se generalizam num período de globalização das mercadorias e da força de trabalho, são intensas as relações entre a região denominada Colúmbia Britânica e o grande país da Ásia.



No Stanley Park, tanto se pode apreciar a baía com as montanhas ao fundo, como vislumbrar o skyline do centro de Vancouver.



Por todo lado, sentimos a presença dos asiáticos na cidade; além dos chineses, outros grupos como filipinos e coreanos têm presença em Vancouver. O mapa, que pegamos na locadora de automóveis, tem os nomes das ruas principais escritos em inglês e em mandarim. A presença de restaurantes chineses, japoneses, tailandeses e coreanos, que é observada por muitas cidades do Mundo Ocidental, é muito maior por aqui, chegando muitas vezes, a se ver, fora do bairro Chinatown, quarteirões inteiros de restaurantes asiáticos. Nos serviços mais corriqueiros, os chineses predominam – motoristas, garçons, donos de pequenos estabelecimentos comerciais, serviços de limpeza e manutenção etc. Embora os postos menos prestigiados do mercado de trabalho sejam ocupados pelos asiáticos, nas ruas, os pedintes e moradores de rua que estão por aqui, são brancos. A mim, parece que o espírito do imigrante predomina entre os que vêm de longe e, suponho, as redes sociais de natureza familiar e cultural têm força suficiente para que todos, que deixam seus países para tentar a vida em outro “vençam”, cada um ao seu modo.

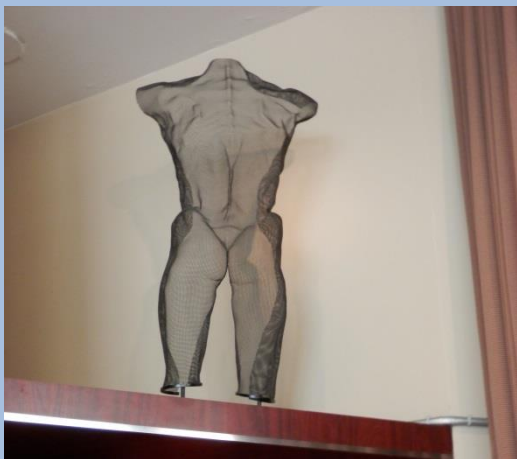
Imigrantes, seus descendentes, canadenses “genuínos” (se é que existe esta categoria num país como o Canadá, resultado de uma mescla de iniciativas colonizadoras), todos, enfim, parecem estar de acordo com o fato de que a qualidade de vida é boa em Vancouver. A presença de muitos parques, a proximidade da montanha e dos lagos que possibilitam uma vida ao ar livre que os moradores deste país prezam muito, as baixas disparidades sociais e um espaço público bem qualificado caracterizam Vancouver e explicam a fama que tem de uma boa cidade para se viver. O Institut Liu, na University of British Columbia, onde ocorreu o seminário em que se apresentaram Eliseu, Bernardo, Ana, Samuel Frederico e Marina Castro que, de diferentes pontos de vista, deram contribuições para entender o Brasil, é bastante emblemático para se apreender o que desejam os pesquisadores deste canto do mundo. A missão do instituto é encontrar saídas para

o mundo e os temas centrais de trabalho são sustentabilidade, segurança e justiça social. Bem, se alcançar tudo isso sob o capitalismo é possível, isso é outra história...



Se alguém que ler este diário de viagem precisar de uma indicação de hotel em Vancouver, recomendo o Listel Hotel, que pertence a este conjunto de iniciativas mais recentes de vender hospedagem com alguma oferta de cultura. Em seu *hall* principal e pelos seus

corredores, havia muitas réplicas de pinturas e esculturas que tornam o ambiente muito atrativo. Além do mais, sua localização central possibilita que se possa conhecer a pé parte da área mais densa da cidade. O jantar no restaurante da Torre Lookout também é muito interessante, nem tanto pela comida, que é apenas “normal” mas, sobretudo, pela vista, uma vez que, no decorrer de um jantar de duas horas, o ambiente gira duas vezes, possibilitando ver a cidade em 360 graus.



Julho de 2013

Carminha Beltrão